

Instantâneos do cotidiano

Curitiba recebe exposição inédita de obras inestimáveis Ukiyo-e do Museu de

Arte Fuji de Tóquio

Em cada detalhe das telas de Ukiyo-e () é possível encontrar importantes indícios da vida no Japão do período Edo (séculos XVII a XIX). Por meio de uma técnica delicada, trabalhosa e magistral, os artistas plásticos daquela época imprimiam em papéis, biombos, estandartes, entre outros suportes, verdadeiras obras primas. A mostra é uma das coleções do acervo permanente do Museu de Arte Fuji de Tóquio e chega a Curitiba como parte da agenda oficial dos eventos alusivos à comemoração dos 120 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação Brasil-Japão e dos 100 anos da colonização japonesa no Estado do Paraná. A mostra ficará aberta à visitação até o dia 2 de agosto, no Museu Oscar Niemayer.

Ukiyo-e significa literalmente retratos do mundo flutuante. No início de sua trajetória (século XVII) era chamado de retratos do mundo triste, pois compunham-se de cenas cotidianas em que seus personagens eram pessoas comuns em suas labutas diárias, em muitos quadros é perceptível, por trás da beleza artística, uma crítica velada às rígidas castas sociais do Japão naquele período. Porém, conforme caíram nas graças dos nobres, passaram a retratar cenas menos prosaicas com ênfase à vida dedicada ao entretenimento e à vida desregrada e luxuosa dos palácios.

Trata-se de uma técnica magistral de estampa japonesa, em estilo similar à

xilogravura e, por isso, uma produção razoavelmente acessível para a época – pouca gente tinha condições de adquirir obras originais e únicas. Assim, o Ukiyo-e caiu facilmente no gosto popular da cultura metropolitana da antiga Edo (como era chamada a capital Tóquio). A origem remonta das obras monocromáticas de Hishikawa Moronobu. Mas foi Hozumi Harunobu quem desenvolveu a técnica de impressão policrômica (Nishiki-e).

Devido à facilidade de produção em série, o Ukiyo-e difundiu-se rapidamente. No auge de sua popularidade, a principal inspiração era a vida cotidiana: cortesãs, lutadores de sumô e atores populares. Posteriormente, as paisagens popularizaram-se também. Com a abertura forçada do Japão para o Ocidente, em 1858, as imagens difundiram-se nas coleções privadas europeias, ganhando prestígio e influenciando a pintura da Europa, particularmente os impressionistas e, por consequência, os pós-impressionistas.

Museu de Arte Fuji de Tóquio

Desde 1983, quando abriu as portas até hoje, o Museu de Arte de Fuji de Tóquio vem demonstrando na prática sua missão de ser uma ponte de democratização do acesso à arte. Seu acervo permanente composto por aproximadamente 30 mil obras tem percorrido o Japão e o mundo, levando beleza, genialidade e

conhecimento ao mundo. Seu fundador, o dr. Daisaku Ikeda entende que a melhor maneira de elevar a condição humana é por meio do aprendizado e vivência com a arte em todas as suas acepções.

O Brasil já teve a oportunidade de receber coleções de seu acervo em algumas ocasiões. A mostra Eternos Tesouros do Japão – um impressionante retrato da era dos samurais por meio de objetos de uso cotidiano do período – foi exibida em três ocasiões: em 1990 no Museu de Arte de São Paulo “Assis Chateaubriand”, MASP; em 2006 no Museu Oscar Niemeyer, MON; e em 2008 no Museu Nacional de Brasília. E a exposição fotográfica Diálogos com a Natureza esteve no país em 1992, também no MASP.

Serviço

Exposição da coleção Ukiyo-e –do Museu de Arte Fuji de Tóquio

Alusiva aos 120 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação Brasil-Japão e dos 100 anos da colonização japonesa no Estado do Paraná.

Local: Museu Oscar Niemeyer (Rua Marechal Hermes 999, Centro Cívico, Curitiba-PR – Tel.: 41 3350-4400)

Horário: terça a domingo das 10h às 18h

Ingressos: R\$9,00 (inteira), R\$4,50 (meia para estudantes, professores, maiores de 60 anos e menores de 12 anos)

Período: até 2 de agosto de 2015